

SÓ HÁ LIKE NAQUILO QUE FALTA (OU “SÓ HÁ CAUSA DAQUILO QUE FALHA”)

1

THERE IS ONLY LIKES IN WHAT LACKS
(OR “THERE IS ONLY CAUSE FOR WHAT
FAILS”)

LACERDA, GUSTAVO HAIDEN

GRADUANDO EM LETRAS PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
BOLSISTA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA
E-MAIL: GUSTAVO.HAIDEN@GMAIL.COM
ORCID ID: [HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-0470-7543](https://orcid.org/0000-0002-0470-7543)

DI RAIMO, LUCIANA CRISTINA FERREIRA DIAS

DOUTORA EM LINGUÍSTICA APLICADA PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
DOCENTE DO PROFLETRAS (MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS) E DO DEPARTAMENTO DE
LÍNGUA PORTUGUESA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
E-MAIL: LCFDDRAIMO@UEM.BR
ORCID ID: [HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-1039-8318](https://orcid.org/0000-0003-1039-8318)

RESUMO:

Com base na Análise de Discurso de tradição francesa, este artigo reflete acerca dos processos de subjetivação na atualidade, dando enfoque ao papel que os *likes*, em meio às redes sociais virtuais, podem vir a exercer nessa conjuntura. Como *corpus* de análise, trazemos um grupo de postagens que apresentam uma regularidade de formulação: são *posts* que discursivizam sobre as curtidas, tomando-as como tema para suas publicações. Nosso gesto analítico permitiu-nos observar algumas maneiras com que a *falta* e a *alteridade* (não) estão significando nesses textos, oferecendo-nos condições para a apreensão de como os *likes* significam os sujeitos e são significados por eles nas condições de produção do discurso em rede. De fato, apontamos que o efeito de sentido predominante que as curtidas produzem sobre os sujeitos nas redes é da ordem do imaginário, especificamente um efeito imaginário que supriria a falta que nos marca como sujeitos de linguagem e à linguagem.

Palavras-chave: Subjetivação. Curtidas. Falta. Alteridade.

ABSTRACT:

Grounded on French Discourse Analysis, this paper thinks over subjectivation process in contemporaneity, focusing on what likes, on online social media, might bring about to this conjuncture. As an analysis *corpus*, we present a group of posts that manifest a regularity: they “discursivize” about likes, taking them as the publications’ topic. In our analytical gesture, we could observe how *lacking* and *otherness* are (not) signifying in these texts, providing the necessary conditions to apprehend in which ways likes signify over subjects and how the former is signified by the latter in the conditions of production of discourse online. In fact, we point out that the predominant effect of meaning likes produce over online connected subjects is an imaginary one, specifically an effect that would make up for the lacking that brands us as subjects in/to language.

Keywords: Subjectivation. Likes. Lack. Otherness.

CONTEXTUALIZANDO

No cenário das ciências humanas, muitas são as pesquisas que se têm dedicado ao estudo das implicações (sociais, históricas, culturais, emocionais etc.) que as novas tecnologias da comunicação podem exercer na vida em sociedade e também na vida subjetiva. Exemplos disso são os trabalhos de Mattelart e Mattelart (2012), investigando a relação entre sociedade, comunicação e tecnologias; os estudos de Levy (1999), que se voltam para o papel da internet na vida prática e teórica dos sujeitos humanos; Recuero (2014), que se destaca, principalmente, pelo trabalho em torno dos processos de comunicação estabelecidos nas redes sociais virtuais; além de Castells (1999), sociólogo espanhol, e suas reflexões sobre tecnologias e democracia. E a lista poderia se estender¹.

O que estamos propondo com este artigo é pensar as implicações das tecnologias digitais agora do lado dos estudos do discurso, especificamente posicionando-nos em direção a uma análise de discurso (AD) sustentada na obra de Michel Pêcheux. Dentro desse domínio teórico, este recorte de análise tem o intuito de refletir acerca do funcionamento das redes sociais, precisamente os modos com que (im)possibilitam que os sentidos falem/falhem, o que pode representar

¹ Cf. Mattelart, A. e Mattelart, M. (2012), “História das teorias da comunicação”; Levy, P. (1999), “Cibercultura”; Recuero (2014), “Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook”; Castells, M. (1999), “A sociedade em rede”.

um entrave na movimentação dos sentidos e dos sujeitos na grande Rede. O *corpus* constitui-se, assim, de postagens de duas redes sociais (Facebook e Instagram) que tematizam os *likes*. Nosso objetivo central resume-se na seguinte questão: qual é a relação de sentido que o sujeito estabelece com as curtidas nas redes sociais? Ou ainda: o que essas curtidas acarretam para a constituição subjetiva dos sujeitos nas redes?

Para tanto, nosso gesto analítico retoma alguns pressupostos basilares em AD, tais como língua e sujeito, bem como a incompletude que lhes é inerente. Pensando especificamente o discurso constituído digitalmente, isto é, sustentado em condições de existência determinadas pela discursividade digital (DIAS, 2004; 2018), buscamos também explorar, nas análises, o que o funcionamento digital pode acarretar sobre o discurso, conseqüentemente afetando língua e sujeito.

Expandimos, de antemão, a visão de Oliveira (2015) – que analisa o caso específico do Youtube – para as redes sociais de um modo geral, consideradas aqui como “um espaço constituído por um complexo de gestos de interpretação no encontro de diferentes posições-sujeito” (OLIVEIRA, 2015, p. 27, grifos do autor), bem como em sintonia com as indicações de Pequeno (2014), para quem “as redes de relacionamento não são o lugar de uma (nova) discursividade específica, mas a nova base material-técnica para todo um ecossistema de discursividades” (PEQUENO, 2014, p. 35). Para o autor, a Rede é como a rede de pesca: serve para “capturar” aquilo que navega entre os fios de sua tessitura. Como parte de nossa contribuição, notamos que os *likes têm um papel importante* na constituição subjetiva nessas condições de produção, impelindo-nos a analisar um modo determinado de o sujeito se (de) marcar.

TEORIZANDO

Para o presente gesto de análise, operamos um recorte e, assim, um destaque para um conceito central em AD, que nos permitirá observar os efeitos de sentido dos *likes* na constituição subjetiva em rede. Tal conceito, a saber, de sujeito, será remetido à sua determinação pela língua e à sua marca fundante por uma falta, que são também conceitos centrais em uma análise discursiva na filiação pecheuxtiana, em que o discurso se processa enquanto efeito de sentido entre interlocutores (PÊCHEUX, 1995), no movimento da língua que se inscreve na história para poder significar.

Sob as lentes da AD, a língua não é considerada um sistema de regras em harmonia e homogeneidade. Na verdade, uma definição discursiva de língua toma-a como um “conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas (...) dotado de uma *autonomia relativa*” (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 91, grifos do autor). “Autonomia relativa” porque uma mesma língua, explica Pêcheux (1995), *dá bases para a (re) produção de distintos processos discursivos, ou seja, a diferentes efeitos de sentido, na história*. No desenvolvimento de seu pensamento teórico, o autor vai afirmar posteriormente que a língua funciona necessariamente pelo viés da incompletude e da heterogeneidade, pois ela “escapa daí [da estrutura fechada e matematizável], na medida em que o deslize, a falha e a ambiguidade são constitutivos da língua, e é aí que a questão do sentido surge no interior da sintaxe” (PÊCHEUX, 1997 [1982], p. 58). A isso, ele denominará “o real da língua”, o impossível (de não ser assim).

Sendo a língua a base comum de processos discursivos diferentes, e assumindo juntamente a afirmação de que “não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 1999, p. 47), colocamos em contato língua e sujeito. A língua “permite, ao mesmo tempo, a comunicação e a não-comunicação, isto é, autoriza a divisão sob a aparência da unidade, em razão do fato de não se estar tratando, em primeira instância, da comunicação de um sentido” (PÊCHEUX, 1995, p. 93), porque os sentidos só se realizam como efeito entre sujeitos em interlocução. E é somente assujeitando-se à ordem da língua, inscrevendo-se no dizível, que os sujeitos podem dizer algo. O discurso conecta materialmente, portanto, língua e sujeito. Dito de outro modo, o discurso materializa a relação do sujeito com a língua, em função de uma determinada posição assumida ou negada.

Como consequência, é imprescindível que o sujeito, interpelado pela ideologia, submeta-se à língua para produzir efeitos de sentido. A inscrição do sujeito na *língua, porém, não tem a ver com uma vontade ou intencionalidade individual. De fato, trata-se de uma “ordem da língua”*: ordem porque é um comando da língua; ordem porque faz parte da estrutura que lhe é própria. Orlandi (1999) especifica isso quando postula que

[...] a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique produzindo o efeito de evidência do sentido (o sentido-lá) e a impressão do

sujeito ser a origem do que diz. Efeitos que trabalham, ambos, a ilusão da transparência da linguagem. No entanto nem a linguagem, nem os sentidos nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente. (ORLANDI, 1999, p. 48).

Tais constatações devem ser remetidas também à filiação da AD aos fundamentos da psicanálise freudo-lacaniana, principalmente com a noção de um sujeito forjado no/pelo *inconsciente*. Em contato mais aprofundado com a psicanálise, principalmente a partir dos trabalhos de Milner (2012 [1978]) sobre a relação língua/inconsciente, Pêcheux (1990 [1983]) assume a pertinência da noção de *lalangue*², que extrapola qualquer redução a um conjunto de regras, para fazer ver o ponto em que cessa a representação lógica: o *não-sentido que escapa, no equívoco, e aponta para o real que se materializa na língua*. Como a língua não dá conta do real, ele transborda pelas brechas, pelo furo, por aquilo que falta.

Desta feita, os sentidos não se fecham, mas apenas produzem-se enquanto “efeito”. E são esses efeitos de sentido que criam, pelo esquecimento nº 2, a ilusão de um sentido uno e inequívoco³. Impedidos de “fecharem-se”, os sentidos (e os sujeitos) permanecem afetados por uma incompletude que os constitui. Mais uma vez, é na língua que o sujeito se subjetiva, ou melhor, é na relação com o significante (em materialidades múltiplas) que o sujeito se constitui. Se a língua na qual o sujeito se constitui é faltante, esse sujeito também carrega como marca fundamental o fato estrutural de ser fal(t)ante.

A incompletude na língua, reverberando a incompletude do próprio sujeito, assinala o papel do inconsciente sobre ambos (língua e sujeito). Articulando essas duas instâncias, Leandro-Ferreira (2005) explica que o sujeito, ser-em-falta, faz “furo” na língua, marcando-a também pela falta. Duplamente descentrado, “sujeito clivado, assujeitado, submetido tanto ao seu próprio inconsciente, quanto às circunstâncias sócio-históricas que o moldam” (LEANDRO-FERREIRA, 2005, p. 71), tal concepção de

2 Segundo Milner (2012), *lalangue* é o ponto em que o não-representável se instala na língua (seu real), em que os sentidos se cruzam sem, contudo, fecharem-se. Nas palavras do pesquisador, *lalangue* é, “em toda língua, o registro que a consagra ao equívoco” (MILNER, 2012, p. 21).

3 No discurso, afirma Pêcheux (1995, p. 173), são produzidos dois “esquecimentos” na relação que o sujeito estabelece com seu discurso. O esquecimento número 1, propõe Pêcheux, tem a ver com o “sistema inconsciente”, pelo qual o sujeito se entende como senhor de si, origem dos sentidos. O esquecimento número 2, vinculado ao pré-consciente, é da ordem da enunciação, pelo qual o sujeito crê poder escolher livremente o que diz, gerando um sentido unívoco.

sujeito como não-todo inverte a lógica de uma subjetividade positivista, de um ser agente dotado de consciência de seus atos, pensamentos e palavras (todos sua culpa!). Com efeito, é a falta que “vai acabar tornando-se o lugar do possível para o sujeito desejante e para o sujeito interpelado ideologicamente da Análise de Discurso” (ibid., p. 71).

Mas, poderíamos perguntar, falta em relação a que? Coracini (2003) vem em nosso auxílio, explicando que estamos em permanente falta precisamente porque desejamos aquilo que (nos) falta, como se isso fosse, supostamente, completar-nos, de modo que a falta retorna constantemente sobre nós. Esse desejo, da ordem do inconsciente, representa “a ânsia de preenchimento da falta que constitui uns e outros” e que “move os sujeitos em direção ao outro que já constitui o seu inconsciente” (CORACINI, 2003, p. 217).

Dessa forma, só podemos pensar em identidade (eu; um) como tributária à alteridade (isso; outro). Essa visão tem como base os postulados de Lacan (1996), ao explicar a formação do “eu” a partir do contato com o outro, inicialmente articulado pelo “estádio do espelho”. Segundo o psicanalista francês, o outro está sempre-já presente na constituição da identidade do “eu” do sujeito, designando a ele uma forma, uma posição, um corpo que o enforme. Existe “eu” na medida em que existe um “outro”. Nas palavras de Coracini (2003, p. 203), todo sujeito é

fruto de múltiplas identificações – imaginárias e/ou simbólicas – com traços do outro que, como fios que se tecem e se entrecruzam para formar outros fios, vão se entrelaçando e construindo a rede complexa e híbrida do inconsciente e, portanto, da subjetividade. (CORACINI, 2003, p. 203).

Sendo nosso objeto de análise produções discursivas de redes sociais virtuais e atentando-nos para a importância concedida em AD às condições de produção do discurso, propomos aqui um deslocamento pertinente às condições do discurso tal como ele se constitui pelo digital, no que concerne particularmente aos efeitos do digital sobre a língua e o sujeito. De acordo com Dias (2018), o digital estipula novas formas de assujeitamento à língua, isto é, uma mudança na maneira com que o sujeito deve subjetivar-se na e pela *língua para poder significar*. *E essa relação se sustenta por um imaginário de completude* característico da

discursividade digital, funcionando pela ilusão do “sem limites”, de uma máquina que não falha, e pelo excesso do dizer, o que confere ao sujeito a impressão de que ele também não falha/falta. Nosso gesto analítico visa problematizar esse funcionamento, salientando precisamente os pontos em que a incompletude – parte constitutiva da linguagem – se mostra e mostra também aquilo falta ao sujeito.

Como último ponto antes das análises, buscamos diferenciar, brevemente, recuperando a discussão de Orlandi (2005), a falta da falha. A falta está do lado do sem-sentido, daquilo que foi tirado do sentido, impedido de significar. Já a falha está para o (ainda) *não-sentido*, para os sentidos possíveis, latentes, que ainda estão por vir (como uma propriedade do campo simbólico, um espaço de abertura para sentidos possíveis). Uma pressupõe a outra, pois para que a falha aconteça é preciso que algo falte, bem como para que a falta exista é necessário que a estrutura se predisponha à falha, acolha a falha como parte integrante de seu funcionamento. Assim, ainda conforme Orlandi (1999, p. 52), tanto os sujeitos quanto os sentidos permanecem incompletos, funcionando “sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível”.

Ambas, falta e falha, apontam também para a referência psicanalítica nos estudos do discurso, postulando que a contradição do sujeito é lidar com a falta tentando constantemente suturá-la, mas retornando sempre ao ponto em que a língua falha, os sentidos fogem e o equívoco se materializa. *É porque a língua é capaz de falha, porque na história ela produz equívoco, é por isso que o sujeito tem espaço para vacilar, oscilar, desejar. Se nada na língua falhasse, se ela funcionasse plenamente, o sentido seria unívoco e o sujeito dono de seu dizer. Mas como ficaria a ambiguidade, o (não tão) mal entendido, o chiste, as disputas pelo sentido? Eles atestam que os sentidos se dispersam e que nós não temos controle sobre eles e sobre a língua. Na língua há também a falta, a incompletude, o (ainda) não-dito. Somente assim, por uma língua que falha e que falta, é que o sujeito pode habitar a linguagem, mesmo que sempre provisoriamente. Seu desejo, resultante de uma falta fundante que cinde o sujeito, se marca na língua e a marca como objeto de desejo. E, assim, “sujeito à falha, ao jogo, ao acaso, e também à regra, ao saber, à necessidade (...) o homem (se) significa. Se o sentido e o sujeito poderiam ser os mesmos, no entanto escorregam, derivam para*

outros sentidos, para outras posições” (ORLANDI, 1999, p. 53, *grifo da autora*).

Resta entender como situam-se a falha e a falta em um processo discursivo circunscrito ao digital, sob a forma específica das curtidas. Buscamos refletir sobre isso com as análises que sucedem.

ANALISANDO

Inspirados em Coracini (2003), entendemos que, “embora partido, cindido, o sujeito vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e ‘resolvida’ ou unificada, resultado da fantasia de si mesmo como uma ‘pessoa’ unificada, formada na fase do espelho” (CORACINI, 2003, p. 203). Esse aspecto contraditório do sujeito, ao mesmo tempo uno e disperso, leva-nos a notar que os processos de subjetivação em meio às tecnologias digitais se dão a partir de diferentes identificações com traços do outro em meio ao movimento de diferentes discursividades, da velocidade das informações que circulam e são rapidamente atualizadas. Sendo assim, parafraseando Coracini (2003), os textos postados (à espera de visualizações, curtidas, comentários) são como fios que se tecem e se entrecruzam para formar outros fios, que vão entrelaçando-se e construindo a rede complexa e híbrida da subjetividade dos sujeitos.

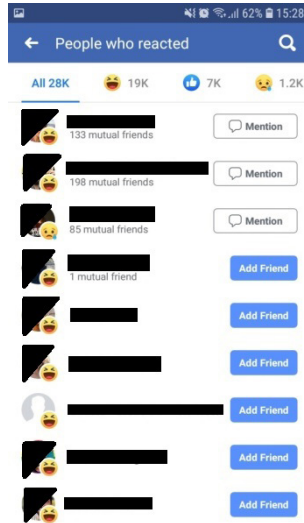
Engendra-se uma configuração de subjetividade “exteriorizada”, colocada à mostra e à prova, para ser validada. Externalização em detrimento da interiorização: sentidos para os outros. No espaço enunciativo das redes sociais, o “outro” é qualificado como “amigo”, “seguidor”, “contato”, e essas relações são mediadas pela Rede, como aparato técnico e ideológico. Nessa visada, os *likes* exprimem um desejo que é virtualizado, tornado “acessável”. Arriscaríamos dizer que se opera com uma espécie de recusa ao inconsciente, em um sentido bem definido: recusa ao esquecimento. Recusa também da espera, do tempo de produção dos sentidos, na exacerbação do fazer, do reagir, do interagir, do hiper-agir, hipertrofiando o desejo, o qual não tem tempo de sedimentar, de criar raízes, de estabelecer relações.

Os sentidos são fugazes, assim como as subjetividades são “lúdicas” (“jogáveis”) e, nesse sentido, “infantilizadas”, “narcísicas”. Porém, prolongando a metáfora de Pequeno sobre a rede de pesca, apresentada no início deste artigo, podemos dizer que *há sempre furos na rede*, pontos em que algo falta, pressupostos em seu próprio tear. Eis sua constituição: linhas, nós e furos. Furos “na-linha” (*on-line*); furos

em nós. E, assim, fal(t)ando, nós somos. Novamente, se não houvesse a falta na constituição mesma da língua e do sujeito, enquanto sujeito de linguagem, “não haveria espaço para o sentido transbordar, deslizar, desviar, ficar à deriva” (LEANDRO-FERREIRA, 2005, p. 71).

Há determinações também nas possibilidades dos efeitos-reação, retornando sobre a questão do sujeito, que se constitui, nesse caso, no digital, como sujeito de e sujeito ao digital. Como efeito de linguagem, na cadeia significante, o sujeito, reafirma Leandro-Ferreira (2005), encontra sua morada no discurso (organizando-se nele e por ele), necessitando assujeitar-se ao digital para ser alçado à condição de sujeito naquelas condições. Ele precisa estar nos sentidos e, concomitantemente, repetir um desejo, marcado por uma falta que o move.

A determinação da evidência do *like* está atrelada ao clique, o qual aciona automaticamente um comando pré-programado. Diferentemente de *teclar*, lembra-nos Dias (2018), *clicar* estipula trajetos sempre-já lá, em relação de suficiência (“basta clicar”). Novamente, caímos na repetição do mesmo sentido, em um circuito semanticamente estável, parte do desejo de normalidade do sujeito, em sua ilusão (necessária) de completude. Esse efeito de completude almejado é enfatizado pela disjunção entre as reações, polarizando e cerceando os afetos. Nunca não mútuas: *ou* você dá “amei” ou você dá “gostei” ou você dá “haha”...; pode-se “muito”, mas, principalmente, não tudo e não ao mesmo tempo. Todavia, eis o ponto em que os sentidos escapam: eles são concomitantes, contraditórios, não-excludentes. O real nos sentidos assume a forma da contradição, o que significa que somente a nível imaginário, pela mediação simbólica, é que podemos delimitar fronteiras precisas e distintas entre “gostei”, “amei”, “ficar triste”. Isso pode ser exemplificado pelas listagens de reações no Facebook, que organizam os sujeitos em função de seus cliques, agrupando-os por seus “sentimentos” em relação à postagem (como na captura de tela abaixo).

Figura 1: Captura de tela 1 - Listagem de reações “haha” no Facebook

Fonte: Facebook, 2020.

Essa disposição por tipos de curtida, em forma de lista, nos faz lembrar Pêcheux (1990, p. 30), ao comentar acerca das “técnicas de gestão dos sujeitos”, como forma de “marcá-los, identificá-los, classificá-los, compará-los, colocá-los em ordem, em colunas, em tabelas, reuni-los e separá-los segundo critérios definidos”. As reações, como parte dessas “técnicas de gestão”, atuam na produção de sentidos lógicos e estabilizados, na tentativa de suturar as falhas da significação, conferindo-lhes (ao sentido e ao sujeito) os efeitos de unidade e de completude.

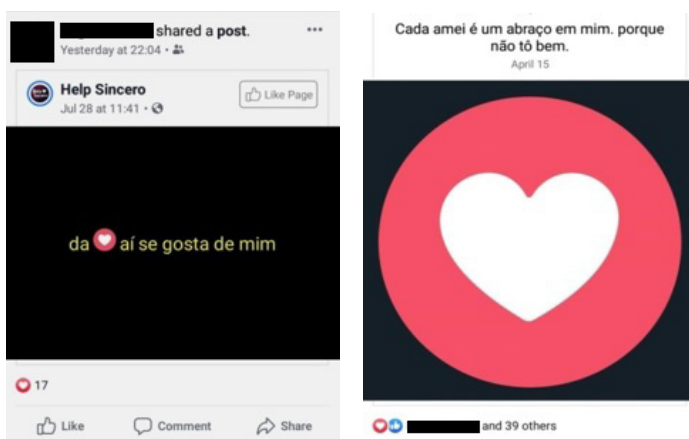
Na circulação digital, os sentidos correm o permanente risco de parecerem plenos, estáveis, a-históricos. Sem memória. Ignora-se a possibilidade de “gostar” ser realizada diferentemente em cada sujeito, aqui tomado não como indivíduo intencional, mas sujeito interpelado, cindido, contraditório. No Facebook, de um lado, exploram-se mais possibilidades de sentido, oferecendo formas diferentes de reação; de outro, as afetividades e emoções são equalizadas, tornadas equivalentes para tudo e para todos. Os likes, nesse contexto, surgem como modo (imaginário) de negar a falta que constitui ambos, sujeito e sentido. Entretanto, mesmo tentando tamponá-la, acaba-se na verdade afirmando-a: segundo Lacan (2003), a falta é o ponto irremediável do desejo do sujeito. A falta e o desejo são co-extensivos, já que só há desejo na medida em que algo falta; nosso desejo é desejo de falta. O

digital, considerado a nível do Outro, é tomado como inteiro, pois o sujeito esquece que o Outro também deseja e que, portanto, falta.

Eu lhes propus definir, em relação ao que eu amo no outro, que ele está submetido a essa condição hidráulica de equivalência da libido, a saber, que quando isso sobe de um lado, sobe também do outro, o que eu desejo, o que é diferente do que eu experimento, é o que, sob a forma de puro reflexo do que resta de mim investido em todo estado de causa, é justamente o que falta no corpo do outro, enquanto ele é constituído por essa impregnação do úmido do amor. No ponto de vista do desejo, *no nível do desejo, todo esse corpo do outro, pelo menos tão pouco quanto eu o amo, só vale justamente pelo que lhe falta.* (LACAN, 2003, p. 154-155, *grifos nossos*).

Não há espaço (nem tempo) para a subjetivação da falta, de aceitar-se como “falta-a-ser” e de entender a falta do outro. Esse processo não é exclusividade das redes sociais e do aparato digital, mas é exacerbado pelo discurso da onipotência/onipresença do sujeito nas redes. Nem por isso os *likes* e afins deixam de produzir discurso, uma vez que produzem efeitos (imaginários) de sentido “eficientes” na circulação em rede. É o que notamos na figura abaixo, de postagens que “solicitam” do interlocutor virtual um “amei”.

Figura 2: Capturas de tela 2 e 3 – Posts que pedem um “amei”



Fonte: Facebook, 2020.

O “amei” (emoji-coração) é revestido, nesses casos, de um significado emocional prático: clicar em “amei” metaforiza o ato de dar um abraço, de gostar da pessoa. Transformam-se curtidas em afeto. No jogo das reações do Facebook, o “amei” tem o efeito particular de “superar”, em valor, o simples “gostei” (esquemáticamente: *amei* > *like*), o que o diferencia do “amei” no Instagram, que é equivalente ao *like* (em fórmula: *amei* = *like*).

Nessas postagens sobre o “amei”, produz-se um sentido determinado para o gesto de “dar amei”, sentido de caráter autoritário, em forma imperativa: “da ‘amei’ aí se gosta de mim”, que pode ser parafraseado em: “não dar ‘amei’ significa não gostar de mim”. Mais uma vez, não há zona intermediária de significação: *ou ama ou não ama*. De maneira parecida, ao enunciar “não to bem”, o sujeito pode estar dizendo sobre uma emoção real, que sente do outro lado da tela. Mas, afirmando que “cada amei é um abraço em mim”, ocorre uma transferência de um ato físico (um abraço) para o gesto simbólico e virtual de “dar amei”, o qual, imaginariamente, supriria uma necessidade real. Concretizando o “gostar”, o *like* provoca um “efeito-fecho”, operando uma realização. Curtindo e sendo curtidos, os sujeitos-usuários (se) realizam (performam).

Até o momento de nosso *print screen*, a primeira publicação foi “bem-sucedida”, pois só recebera “amei” (dezessete deles). Sua solicitação fora atendida. Já a segunda não realizou exatamente o efeito esperado, uma vez que havia *likes* no meio dos “amei”, constatando que não controlamos os sentidos. Eles constantemente nos escapam, precisamente por seu caráter intersubjetivo: só há discurso por meio da produção de efeitos de sentido entre interlocutores, postula Pêcheux (1995).

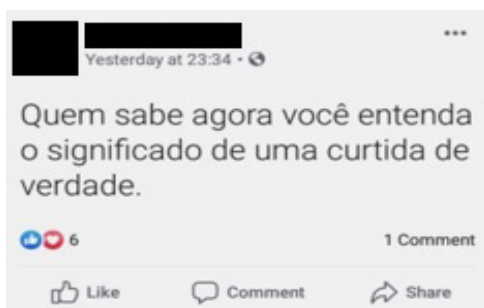
Pelos *likes*, não estamos escrevendo com palavras que gostamos de algo. Estamos utilizando um símbolo, uma imagem, posta em funcionamento pela “performance”: gostar não é gostar sem clicar no ícone. Há uma metaforização entre “clicar em gostei” e dizer “eu gostei disso” e, ainda, gostar de fato de algo. A metáfora é entendida em AD como “transferência de sentidos” e, em acordo com Orlandi (2005), como deriva de sentidos, parte operante do processo de significação. O efeito metafórico realiza um recorte na memória discursiva; é, assim, uma sobreposição significativa, de “uma palavra por outra”.

Redimensionando essa noção, Lagazzi (2014), trabalhando especificamente com a materialidade fílmica e com a deslinearização da imagem, sugere a compreensão de uma metaforização metonímica, na qualidade de um entrecruzamento entre condensação (metáfora) e falta

(metonímia). Em cotejo com a psicanálise lacaniana, a autora afirma que ambas, metáfora e metonímia, apontam para a alteridade, mas a primeira funciona como deriva, enquanto a segunda como falta (possibilidade do movimento de deslocamento da metáfora). Nessa dependência, temos metaforizações metonímicas, as quais, no jogo sinuoso entre condensar e deslocar, lançam luz sobre “o significante em metáfora, no desejo metonímico da falta” (LAGAZZI, 2014, p. 112).

De nossa parte, apontamos que as curtidas condensam (metáfora) e deslocam (metonímia) os sentidos de afetividade determinados pelo clique. Deixar um *like* em uma postagem é uma metaforização (efeito transferencial) que dá a ver um desejo metonímico (de algo que falta). Condensação e deslocamento. Faltando o abraço, o *like* significa no lugar dele, transformado discursivamente.

Figura 3: Captura de tela 4 – Post comentando o fim da visualização das curtidas no Instagram



Fonte: Facebook, 2020.

Ainda construindo significados para as reações, a captura de tela acima, uma publicação oriunda do Facebook, é de um usuário que comenta a mudança nas formas de visualização das curtidas no Instagram, agora inacessíveis à leitura daqueles que não fizeram o *post*. O sujeito marca sua posição de usuário do Instagram, que comparece de forma velada, subentendida. Ao mesmo tempo, confere uma posição semelhante a seus interlocutores (“você”, ou seja, “você, usuário do Instagram”). “Agora” diz respeito ao novo momento naquela rede social, que a partir de então impede a visualização da contabilidade de curtidas. Essa mudança é interpretada por esse usuário como algo benéfico, pois representaria um passo em direção à compreensão do “significado de uma curtida de verdade”. Não se escapa de tratar do “valor” da curtida, que permanece como algo a ser estimado. Porém,

anuncia-se um novo horizonte de expectativa para a circulação naquela mídia: os *likes* seguem fazendo sentido para quem curte, mas mudam de relação para aquele que é curtido. Este estaria fadado, agora em diante, a guardar para si o *like* que antes exibia ao público.

Ademais, é interessante ressaltar o funcionamento “emaranhado” das mídias sociais digitais, na possibilidade de uma fazer referência à outra. Redes sobre redes. Nesse caso, discute-se a forma de visualização dos *likes* do Instagram dentro do espaço enunciativo do Facebook. É curioso que a publicação contendo uma crítica sobre os *likes* se dê em uma plataforma (Facebook) que permite a contabilização e checagem das curtidas pelos demais sujeitos-usuários (efeitos da contradição?). Busca-se dar um sentido para o outro (“você”) sem questionar a si mesmo, ao seu próprio desejo. A alteridade (o outro, “você”) é colocada do lado da falta, mas ao Mesmo (ao sujeito, ao “si mesmo”) resguarda-se o “direito” ao *like*.

Em uma visão geral, a reação está prescrita pela discursividade das redes sociais. Mais que isso, ele se torna o fim último do gesto de publicar: postar é significado, nas condições de produção das mídias sociais virtuais, em função das reações. Ainda permanece possível a quem está logado na conta no Instagram visualizar quem e quantos curtem suas publicações. A medida foi justificada pelos administradores, que argumentaram: “trata-se de criar um ambiente com menos pressão, em que as pessoas se sintam confortáveis expressando-se”⁴. E isso instaura outro horizonte de expectativa sobre as redes sociais (particularmente o Instagram), contestando o “valor quantitativo” dos *likes*. Importaria, assim, a “qualidade” ao invés da quantidade. Relações afetivas e não puramente metálicas.

Comentando acerca dessa decisão da rede social, Christian Dunker (2019) escreve que a contabilidade dos *likes* está relacionada a uma economia da subjetividade nas redes, subjetividade “comparável”, sendo que os sujeitos passam a se comparar pela “métrica de curtidas”, um retorno a um narcisismo infantilizado. Em seu valor positivo, o narcisismo é constitutivo do reconhecimento intersubjetivo, indo além do retorno total para dentro de si. Como explica o psicanalista brasileiro, o narcisismo é como um palco em que as combinações de cenas teatrais são variadas: podemos agir como protagonistas, atores em contracena, diretores, roteiristas, espectadores, críticos, ou nem se quer sermos

⁴ Tradução nossa do original em inglês: “about creating a less pressurized environment where people feel comfortable expressing themselves”. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/instagram-removing-likes-what-it-will-look-like-2019-11>. Acesso em 31 jan. 2020.

convidados para a peça. Todas são montagens narcísicas, insiste o autor, o que permite compreender que Narciso é uma máscara necessária para a convivência social, dentro de determinadas posições assumidas. Sem essa máscara, exporíamos nosso estado de “carne viva”. E isso seria insuportável.

Então, não é pertinente cairmos no reducionismo e na simplificação de dizer que a “vida virtual” é falsa, em contraponto à “vida real”, que seria verdadeira e honesta. Estamos sempre sob máscaras. Em termos discursivos, é cabível formular que “agimos” sempre a partir de certas posições inscritas em formações discursivas, que viabilizam certos sentidos e não outros, dando ao sujeito a “realidade” na qual possa significar. Dessa forma, é inegável que o digital, naquilo que determina novas tecnologias de linguagem e, conseqüentemente, outras formas de subjetivação, afeta nossa “sintaxe narcísica”, isto é, nossa relação com as estruturas simbólicas que nos constituem, sob o risco de tornar secundário o valor da presença.

Por outro lado, a rede sempre apresenta subterfúgios e, nesse caso, ainda é possível que os usuários busquem outras ferramentas técnicas para “driblar” as limitações impostas pelo Instagram. No entanto, segue afirmando Dunker (2019),

Dar mais trabalho aos usuários para identificar o número de curtidas nas redes sociais é como fazer a gente assistir à partida sem saber se o estádio está lotado ou se estamos sozinhos apreciando o espetáculo. Talvez isso nos faça oferecer um tempo a mais para o que estamos realmente vendo e ouvindo; para a qualidade da peça e menos peso para a fama dos atores, para o sucesso de crítica ou bilheteria. Talvez isso permita estarmos um pouco mais advertidos diante das novas ilusões narcísicas trazidas pela linguagem digital. (DUNKER, 2019, s/p.).

CONCLUINDO

No título deste texto, propusemos uma paráfrase de uma conhecida formulação que Pêcheux, para retificar algumas de suas teses, empresta de Lacan: “Só há causa daquilo que falha”. Parafraseamos para: “só há *like* naquilo que falta”. Essa reformulação tem a pretensão de exprimir que, no jogo de afetividades em rede, o *like* não é apenas consequência,

mas uma “causa” mesmo dos (efeitos de) sentidos, é o horizonte de expectativa do jogo discursivo *on-line*. Por essa mesma reformulação, consideramos a “falha” em relação à “falta”, como, segundo Orlandi (2005), partes integrantes da linguagem e das subjetividades a ela referenciadas.

Pedindo *likes*, amei etc., em suma, solicitando afetos aos outros, o sujeito produz um sentido determinado para “curtir”, investido de um valor simbólico, sob um efeito imaginário, no intuito de (tentar) remediar uma falta real. Por outro lado, no caso específico do *post* que questiona o sentido de “uma curtida de verdade”, observamos o questionamento do valor das curtidas pela quantidade (no Instagram), ao passo que, paradoxalmente, o sujeito-usuário resguarda para si o direito de ser curtido e expor isso aos outros (no Facebook). Menciona-se a alteridade, mas ela não é reconhecida enquanto tal como parte constitutiva, permanece no nível do “você”, que não tem nada a ver com o “eu”. Estaciona-se no nível de objeto de desejo, sem reconhecer o seu desejo como desejo do outro; sem reconhecer(-se em) a falta.

Em vista de tudo o que vimos percorrendo, podemos sintetizar a resposta à pergunta inicial (qual é a relação de sentido que o sujeito estabelece com as curtidas nas redes sociais?) dizendo que o efeito de sentido que as curtidas produzem sobre os sujeitos nas redes é da ordem do imaginário, especificamente um efeito imaginário que supriria a falta que nos marca como sujeitos de linguagem, sujeitos à linguagem. Mais ainda, um imaginário virtualizado, como na acepção de Dias (2004, p. 25), pelo qual se crê que ali se está “livre das coerções do mundo”. Porém, também o virtual funciona pela dispersão e pela incompletude. Ainda que o *like* simbolize (suture) uma vontade de completude, a falta insiste, como ponto incontornável, em relação ao qual temos de prestar contas: só há *like* naquilo que falta.

REFERÊNCIAS

CORACINI, M. J. A celebração do outro na constituição da identidade. **Organon**, v. 17, n. 35, p. 201-220, 2003.

DIAS, C. **A discursividade da rede (de sentidos)**: a sala de bate-papo hiv. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Unicamp, 2004.

DIAS, C. **Análise do discurso digital**: Sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.

DUNKER, C. O que os likes dizem do nosso narcisismo (e da nossa inadequação)?.

Blog do Dunker, 2019. Disponível em: <https://blogdodunker.blogosfera.uol.com.br/2019/08/16/o-que-os-likes-dizem-do-nosso-narcismo-e-da-nossa-inadeguacao/>. Acesso em: 25 ago. 2019.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do Eu. In: ZIZEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, p. 97-103, 1996.

LACAN, J. **O Seminário, livro 9 (1961-1962): a identificação**. Trad. de Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

LAGAZZI, S. Metaforizações metonímicas do social. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Linguagem, sociedade, políticas**. Pouso Alegre: UNIVÁS; Campinas: RG Editores, p. 105-112, 2014.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. Linguagem, Ideologia e Psicanálise. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, p. 69-75, 2005.

MILNER, J. C. **O amor da língua**. Tradução e notas de Paulo Sérgio de Souza Júnior. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

OLIVEIRA, G. A. **Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs**. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes: 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, p.49-59, 1997.

PEQUENO, V. **Nos subsolos de uma rede: sobre o ideológico no âmago do técnico**. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

Recebido em: 26/05/2020

Aceite em: 11/09/2020